

CORRECÇÃO: UMA ESTRATÉGIA DE REFORMULAÇÃO TEXTUAL

**Leonor Lopes Fávero
Maria Lúcia C. V. O. Andrade
Zilda Gaspar O. Aquino
Universidade de S. Paulo**

1. Objeto da Pesquisa e Corpus

O presente trabalho integra o projeto maior da Gramática do Português Falado que se propõe a elaborar uma gramática referencial da língua falada no Brasil. Nesse sentido, investigar-se-á um dos processos de formulação do texto falado – a correção, como contribuição para que se possam explicitar quais os mecanismos de construção desse tipo de texto.

O *corpus* restringe-se a nove inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), englobando as três modalidades de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2), Diálogo entre informante e documentador (DID) e Elocução Formal (EF), não excluindo o exame de conversações espontâneas, coletadas em situações e contextos variados.

2. Bases Teóricas

Esta pesquisa está assentada na Pragmática, na Linguística Textual e na Análise da Conversação e vê a linguagem como atividade de interação social, isto é, como manifestação de uma competência comunicativa, definível como "capacidade de manter a interação social

mediante a produção e entendimento de textos que funcionam comunicativamente" (Koch et alii, 1994).

O texto, unidade global de análise, "um subproduto que congrega e sinaliza o processo de produção e interação, é visto como lugar privilegiado para a identificação de pistas que marcam as regularidades e caracterizam o sistema de desempenho lingüístico, constituído dos subsistemas fonológico, morfossintático e textual" (Nascimento, 1993).

3. A Correção Enquanto Atividade de Formulação:

3.1 Conceituação e Propriedades Identificadoras

Segundo Antos (1982:92): formular é efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de um texto. "Formular um texto não é só planejá-lo, mas também realizá-lo" (id. ibid.) e o esforço que o locutor faz para produzir um enunciado se manifesta por traços que ele deixa em seu discurso, isto é, formular um texto não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" da compreensão, mas significa deixar, através das marcas, pistas para que ele, interlocutor, se esforce por compreendê-lo; isso faz com que a produção do texto falado seja **ação e interação**.

Essa concepção permite a subdivisão das atividades de formulação em dois aspectos:

a) quando não há evidência de "problemas" de processamento e linearização;

b) quando há evidência de "problemas" de formulação e é preciso resolvê-los.

As situações que desencadeiam essas atividades de formulação aqui denominadas "**problemas**", segundo Antos (id.), recebem diferentes denominações: *trouble-source* (Schegloff, Jefferson e Sacks, 1977: 363), *störungen* (Gulich e Kotschi, 1987: 233), turbulências (Marcuschi, 1986: 30). São constituídas por:

– **hesitações**, quando o "problema" é captado durante sua formulação/linearização, isto é, *on line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois;

– **correções** e alguns tipos de **paráfrases** e **repetições**¹ (denominados por Gulich e Kotschi (id.) de **refrasagens**: repetição de uma estrutura

léxico-gramatical), quando o "problema" é captado após sua formulação, isto é, ele é textualmente manifestado e dá-se, então, uma reformulação (re + formulare = formular de novo). Estas reformulações apresentam um aspecto retrospectivo, tendo como escopo um elemento anterior.

Vejam-se os exemplos:

- (1) L1 ... não tem ainda assim muita::...**éh uma... um objetivo** a atingir sabe?

(SP D2 360, al. 1290-92, p. 169)

- (2) L2 depois disso ainda ti/**tive problemas de... saúde problemas de tiróide** não sei que::

(SP D2 360, al. 75-76, p. 138)

- (3) L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça **jornalista...**

L2 **poetisa**

L1 **poetisa...**

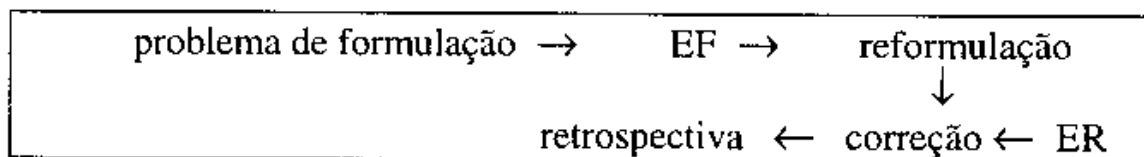
(SP D2 333, al. 622-625, p. 249)

Em (1), L1, seguindo o curso normal da formulação depara-se com um problema de formulação/ linearização: encontrar a palavra adequada para dar seqüência ao turno: após **uma...** hesita e acha a palavra adequada: **um objetivo**.

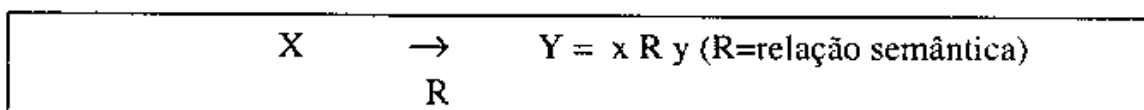
Em (2), a locutora julga importante explicitar **problema de saúde**, reduzindo a abrangência do enunciado-fonte: **problema de tiróide**, criando uma paráfrase.

Em (3), L2 corrige L1 – **jornalista X poetisa** – que no terceiro turno acata a fala de L2, instaurando uma correção.

A **correção**, objeto de estudo deste trabalho, desempenha papel considerável entre os processo de construção do texto, como o demonstra o número de correções encontradas nos inquéritos analisados. Corrigir é produzir um enunciado lingüístico (enunciado reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado fonte – EF), considerado "errado" aos olhos de um dos interlocutores; a correção é, assim, um claro processo de formulação retrospectiva:



O enunciado X é reformulado por um enunciado Y com a finalidade principal de garantir a intercompreensão. Gulich e Kotschi (op. cit.) ressaltam que a intercompreensão não é o único objetivo da correção, embora seja o principal.



- (4) L1 como seria possível **restaurar**... é::... esta esta vida... já morta do rio não é?

L2 é

L1 **ressuscitar** esta vida morta do rio...

(SP D2 333, al. 1035-1038, p. 254)

Ao reformular **restaurar** como **ressuscitar**, o falante espera fazer com que seu interlocutor perceba sua intenção de precisão.

A paráfrase e a refrasagem (= quase repetição) têm também a função de assegurar a intercompreensão, porém "elas se diferenciam pela natureza da relação semântica (R) que liga o enunciado reformulador (Y) ao enunciado fonte (X) e pelos marcadores de reformulação" (Gulich e Kotschi, 1987:43).

Na paráfrase há uma relação de equivalência semântica, na refrasagem, de sinonímia denotativa e na correção, de contraste, entendendo-se essas relações no sentido que lhes dá a semântica estrutural.

- (5) temos o caso por exemplo aqui do nosso sindicato... que recentemente construiu... **uma sede... um edifício de quatro pavimentos...** edifício moderno

(RE DID 131, al. 65-68, p. 2)

- (6) L2 (...) depois o café:: em casa o café é **muito demorado... muito complicado**

(SP D2 360, al. 311-312, p. 144)

- (7) L1 agora **tem** sempre...
L2 um já ajuda o outro
L1 numa família grande **há** sempre um com tarefa de supervisor... por instinto não é por obrigação...
(SP D2 360, al. 188-191, p. 141)

Em (5) a fala de L2 mantém a mesma dimensão semântica da fala de L1 e a função de "tradução intradiscursiva característica das variações semânticas" (Hilgert, op. cit. , p. 256), instaurando-se uma paráfrase.

Em (6) há uma relação de sinonímia, efetivando uma refrasagem.

Em (7), L1 emprega o verbo **ter** no sentido de **haver** e, após o turno de L2, reformula seu enunciado com o verbo **haver**, efetuando uma correção. Neste inquérito observa-se uma preocupação de L1 em empregar a norma culta, visto estar ciente de quem é seu interlocutor (falante culto). O enfoque, então, é interacional, já que, ao reformular seu enunciado, L1 preserva sua imagem diante de L2.

Por apresentarem traços comuns, a reformulação de **ter** por **haver** não ocorreria se a conversação fosse efetivada por falantes que se utilizassem de outras variantes da língua. Para eles, não haveria contraste semântico, mas sim, uma espécie de neutralização entre os dois termos.

Como se pôde observar no *corpus*, muitas vezes são tênues os limites entre paráfrase e correção e certos casos podem ser considerados – como já assinalou Barros (1993) – tanto paráfrases como correções, ocorrendo uma **neutralização** entre as oposições.

O que se pode observar é que na paráfrase é maior o ponto de contato em relação à questão da equivalência semântica, enquanto na correção este ponto de contato é menor. Além disso, merece ser incluído o aspecto pragmático-interacional, pois em muitos casos ele se coloca como elemento norteador para que se efetive a reformulação, como se observou em (7).

Gulich e Kotschi (op. cit.) também consideram difícil a delimitação entre paráfrase e correção porque "na correção o erro não é necessariamente erro na acepção comum do termo (os interlocutores definem uma necessidade de correção) e, muitas vezes, o elemento 'errado' não pode ser simplesmente apagado, ou seja, o elemento de correção não pode ocupar-lhe o lugar, devendo segui-lo na enunciação e,

nessa seqüência, marcá-lo como nulo. Daí resulta para a correção a mesma estrutura básica da paráfrase:

$$\boxed{\text{EF} \rightarrow \text{ER}}$$

Torna-se necessário examinar as diferenças entre correção e hesitação, já que esta última constitui também uma atividade de formulação.

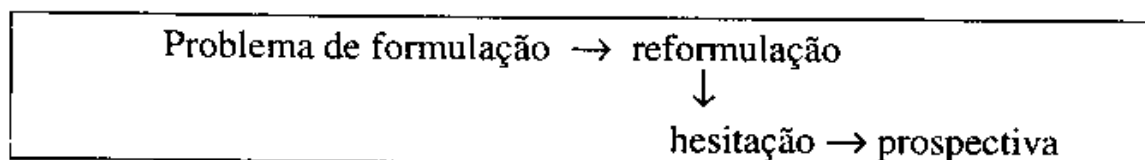
Observem-se os fragmentos:

- (8) L2 é... **es/essas esses progressos...** houve isso houve muito progresso

(SP D2 333, al. 379-380, p. 243)

Há uma retomada da construção para reelaborar os enunciados. Como observa Marcuschi (1993: 92), "a hesitação deve ser vista como uma evidência de planejamento e verbalização simultâneos (...). A hesitação diz respeito (Petrie, 1987) **ao como se está falando e não ao que se fala...**".

A hesitação difere da correção porque esta, como já dissemos, representa uma solução a um dado problema de formulação retrospectiva, enquanto a hesitação é produzida na prospectiva.



Um critério de distinção entre hesitação e correção é o que diz respeito ao estágio de desenvolvimento da formulação/reformulação textual. Nos casos de ocorrência de hesitação, detecta-se uma interrupção no fluxo informacional, devido a uma má seleção futura de um ou mais termos do enunciado, resultando um enunciado ainda não concluído do ponto de vista da organização sintagmática. Por outro lado, instaura-se uma correção num ponto em que uma má seleção já se efetivou, o enunciado já poderia ser considerado como concluído do ponto de vista sintagmático, mas é necessário reformulá-lo, por motivos já expostos neste trabalho

Desse modo, casos como o do exemplo (8) são aqui considerados hesitações e não correções como o fazem alguns lingüistas.

Comumente se considera a correção um mecanismo que repara infrações a regras conversacionais (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), porém a visão aqui proposta é mais ampla, já que se considera o papel da correção na construção do sentido do texto.

3. 2 Tipos

O exame do *corpus* confirmou a posição de (Charolles, 1987: 118-ss) de que existem dois tipos de correção: a **infirmiação** (do latim *infirmare* = anular, revogar, invalidar) e a **retificação** (do latim *rectificare* = que segue sempre a mesma direção).

Consideremos os exemplos:

- (9) L1 ela vive dançando a **Laura a:: Estela a Laura não se definiu** tenho a impressão de que ela vai ser PROMotora...

(SP D2 360, al. 1374-1376, p. 171)

- (10) L1 então eu tenho impressão de que quando o menor... já:: estiver assim... pela **quarta série terceira quarta série...** ele já estará mais independente e::

(SP D2 360, al. 1225-1228, p. 167)

No exemplo (9), o enunciador L1 anula a **Laura**, substitui por **Estela** e volta a anunciar explicitamente: **a Laura não se definiu**. Há, portanto, uma anulação do enunciado-fonte (a **Laura**), que é substituído por **a Estela** e este, por sua vez, é reformulado para **a Laura**.

Já no exemplo (10), L1 corrige parcialmente o enunciado-fonte, alargando-o: **terceira quarta série**.

Considerando-se esses dois tipos de correção, cabe-nos agora examinar os aspectos encontrados nos inquéritos:

I- Lingüísticos:

a) *fonético-fonológico*: em que se observa uma correção de pronúncia ou de articulação.

- (11) evidentemente que a democracia para a democracia **plana plena...** esta nunca existiu

(RE DID 131, al. 494-495, p. 14)

Este foi o caso menos freqüente no *corpus*; a bem da verdade, há somente 9 ocorrências. Explica-se pelo fato de ser o *corpus* do Projeto NURC constituído de gravações de norma urbana culta em que os falantes têm nível universitário e conhecem a "boa pronúncia", pouco "errando"; assim, os casos encontrados são relativos à correção da articulação.

Muitas vezes, não se trata de uma correção, mas sim, de uma hesitação, já que o falante antes de terminar o vocábulo, interrompe e ele mesmo efetiva a elaboração adequada:

- (12) L2 mas a gente está esperan::do::... não sai nada

L1 é da pe/ da prefeitura... e ... para procurador do Estado...

(SP D2 360, al. 504-505, p. 149)

b) *lexical*: em que a seleção léxica não era a pretendida e há uma substituição:

- (13) e do outro lado três potências também capitalistas FORTES... Alemanha e Fra/ e a **Itália principalmente... perdão Alemanha e o Japão principalmente e a Itália.** .. que também a gente vai dar um pouco mais de atenção a ela e à Alemanha dentro da Europa

(RJ EF 379, al.136-139, p.79)

A auto-correção, nesse caso, pode estar relacionada ao processo de substituição léxica, evidenciando uma fragmentação.

- (14) L2 vovó tinha um:: **um sírio um turco...**que ele vinha trazer em casa para ela a sacola) ()

(SP D2 396, al.757-759, p.199)

c) *morfofossintático*: quando a concordância, a regência, etc são mal formuladas (má formação da frase).

- (15) L2 ele já ia à escola da manhã **que eu comecei quando eu comecei a trabalhar...** comecei a trabalhar a dois anos

(SP D2 360, al.1374-1375, p.145)

II- Enunciativos:

A formulação não é a que se pretendia, então reformula-se, ao mesmo tempo que se imprime ao enunciado um carácter de maior subjetividade.

- (16) ...aquelas comidas assim muito típicas lá da...da Bahia... e são...
eu achei gostosas

(RJ DID 328, al.191-192, p.140)

4. A Questão das Marcas

Gulich e Kotschi (op.cit.) dizem que os diferentes tipos de reformulação não se distinguem unicamente pela relação semântica existente entre o enunciado-fonte e o enunciado-reformulador, mas também pelo tipo de marcador empregado para indicar esta relação: "...é freqüentemente com a ajuda do marcador que o locutor cria uma relação de reformulação entre dois enunciados diferentes. Uma relação semântica – por exemplo, a da equivalência – não é dada simplesmente (pela estrutura proposicional do enunciado-fonte e do enunciado-reformulador), mas é estabelecida pelo locutor. O marcador é um traço deixado no discurso pelo trabalho conversacional do locutor"(p.44).

Essa indicação permite que se estabeleça o seguinte quadro:

Enunciado Fonte	(EF)
Marcador	(MC)
Enunciado Reformulador	(ER)

Observando-se o diálogo a seguir:

- (17) Doc. que tipo de carreira...fora essa...seriam digamos conveniente...

L2 eu acho que isso seria qual/qualquer uma() quer dizer::oo::lado...de ciências mais human/ah de o lado humano o ou de::...ciências exatas como chamava-se no MEU tem::po ((riso))

(SP D2 360, al 648-54, p.152)

vemos que, na resposta de L2 ao Documentador, há claramente a presença de três elementos: enunciado-fonte, marcador de reformulação e enunciado-reformulador:

qualquer uma	(EF)
quer dizer::	(MC)
oo::lado...de ciências mais human/ah de o lado humano o ou de::...ciências exatas	(ER)

O exame do *corpus* mostrou que a correção é sempre acompanhada de um sinal explícito que marca seu caráter reformulador (Gulich e Kotschi, op.cit.). Isto não significa que deva haver sempre um marcador verbal em todas as ocorrências; muitas vezes, ele não foi encontrado, mas, sim, certas marcas prosódicas que vão exercer essa função, como, por exemplo, a ênfase dada ao elemento corretor, a mudança na curva entonacional. Assim, é possível distinguir-se dois tipos de marcas: prosódicas e verbais e, embora tenhamos feito apenas um levantamento preliminar, notamos que as primeiras predominam.

5.1 Prosódicas

As principais marcas prosódicas encontradas são²

pausa	60%
mudança na curva entonacional	30%
velocidade da elocução	24%
alongamento	19%
intensidade de voz	19%

Essas manifestações têm caráter multi-funcional, articulam-se freqüentemente com elementos extra-lingüísticas, apresentam-se dispersas no texto, o que torna a análise muito difícil

Constituem instâncias extra-lingüísticas marcas não verbais, como os gestos, o riso, o olhar, entre outras, não tratadas neste trabalho. É muito freqüente a combinação de duas ou mais marcas: mudança na curva entonacional e velocidade da elocução, mudança na curva entonacional e marcador verbal geralmente com intensidade de voz, etc.

No exemplo (18), o nível entonacional do enunciado-reformulador é mais baixo que o do enunciado-fonte, além de haver uma maior velocidade da elocução:

- (18) ...geralmente **eu almoço em volta de/por volta de meio dia e janto por volta das sete horas... sete e meia...**

(RJ DID 328, al.597-99, p.151)

e no (19) há uma ruptura na curva entonacional e o marcador *NEM* é acentuado:

- (19) L2 a **paralisação de transportes coletivo** transformou a cidade num verdadeiro caos também **TODOS os funcionários aderiam greve**

L1 é verdade...demorei quase duas horas **parachegar** na empresa

L2 **quer dizer... NEM todos... a maioria::a**

dos funcionários porque havia alguns ônibus **circu::lando...**

(Conversação Espontânea)

5.2 Verbais

Os marcadores verbais constituem uma classe bastante heterogênea. O exame do *corpus* mostrou a existência de:

5.2.1 expressões estereotipadas:

quer dizer	ou melhor
em outras palavras	não é bem assim
em termos	perdão
digamos	desculpe
digamos assim	

5.2.2 morfemas diversificados (advérbios, conjunções, interjeições) como:

não	bom	ah bom
ah	aliás	então
ahn ahn	ou	logo
hein	nada	finalmente

Os marcadores de infirmação e de retificação parecem ser diferentes: **não** é tipicamente de infirmação e **enfim, finalmente, quer dizer**, de retificação, embora este último seja típico de paráfrase (é necessário fazer-se um estudo mais aprofundado desses marcadores³). Isto fez Gulich e Kotschi dividirem os marcadores em fortes e fracos: **fracos** quando a relação semântica entre os dois termos da reformulação é claramente reconhecível; então um marcador fraco é suficiente para marcar a atividade reformuladora; **fortes** quando a relação semântica entre os dois termos da reformulação é fraca e um marcador forte pode compensá-la.

Afirmam ainda que os diferentes tipos de reformulação se distinguem, em princípio, pelo emprego de marcadores diferentes, isto é, **quer dizer** seria um marcador típico de paráfrase, **não**, de correção etc. Este fato nem sempre se confirmou em nossas análises, pois encontramos no *corpus* **quer dizer** para correção (ex.20); no caso do **não** este fato parece confirmar-se (ex.21), porque ele indica explicitamente que é preciso anular o elemento precedente.

- (20) ... a mão de obra ainda é a RIQUEZA do Japão... claro... população de cento e tanto milhões...TODA ELA integrada à produção... TODA **quer dizer**...pelo menos na sua grande parte...
(RJ EF 379, al.280, p.83)

- (21) Doc. **não** é tacacá...**não** ...é uma outra erva
(RJ DID 328, al.154, p.139)

Justifica-se, desse modo, a classificação em marcadores fortes e fracos, já que há marcadores que, apenas por sua significação lexical, não distinguem o tipo de reformulação.

É preciso salientar que os marcadores de correção constituem-se numa subcategoria dos marcadores conversacionais e não são exclusivos deste procedimento de reformulação.

Conclusão

A correção desempenha papel considerável entre os processos de construção do texto falado como mostra o número de correções encontradas nos inquéritos analisados e baseia-se na relação de contraste, no sentido que lhe dá a semântica estrutural. Esse trabalho procurou con-

ceituá-la como uma estratégia de reformulação textual, quando o falante encontra "problemas" e deve resolvê-los. Foram examinados os tipos de correção e as marcas lingüísticas empregadas durante a construção do texto.

Pode-se dizer que há uma ordem de reelaboração e ela não é ocasional ou aleatória. Isto aponta para um possível local relevante para a ocorrência de correção, o que leva a reafirmar⁴ que as ocorrências de composição do texto conversacional são produto de uma organização local, específica da oralidade, já que o falante tem a possibilidade de usar uma palavra ou estrutura que ele acabou de produzir ou, ainda, procurar uma nova e/ou mais satisfatória que permita a intercompreensão.

Assim, é possível afirmar que as correções correspondem a um processo altamente interativo e colaborativo. Quando usadas apropriadamente, colocam-se como um dispositivo dinâmico, em potencial da língua falada; entretanto, é possível deixar passar um evento sem que se corrija o interlocutor. As razões da não efetivação dessas reformulações podem ser várias, entre elas destaca-se a tentativa de preservação da face do outro. Caso ocorram, o grau de monitoração da correção varia de acordo com a situação comunicativa e com fatores pessoais.

Notas

- ¹ A paráfrase, a repetição e a hesitação estão sendo objeto de estudo de pesquisadores brasileiros.
- ² Estão sendo aqui considerados os fenômenos e não as fronteiras em que ocorrem.
- ³ Os marcadores conversacionais estão sendo estudados por outros pesquisadores brasileiros.
- ⁴ Conforme proposta teórica do subgrupo Organização textual-interativa, pertencente ao Projeto da Gramática do Português Falado no Brasil.

Referências

- ANTOS, G. (1982). *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Tübingen, Max Niemeyer.
- BARROS, D.L.P. (1993). "Procedimentos de reformulação: a correção". In: PRETI, D. (org.) *Análise de Textos Orais*. São Paulo, FFLCH-USP, p. 129-156.
- CALLOU, D. (org.) (1991). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: Elocuções formais*. UFRJ/FUJB, vol I.

- CASTILHO, A.T. e PRETI, D. (orgs.) (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, vol.II.
- CHAROLLES, M. (1987). "Spécialisation des marqueurs et spécificité des opérations de reformulation, de dénomination et de retifications". In: BANGE, P. (org.) *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Actes du Coloque tenu à L'Univ. Lyon 2, 13 a 15 dez. 1985, Berna, p. 99-112.
- GULICH, E. e KOTSCHI, T. (1987). "Les actes de reformulation dans la consultation. La Dame de Caluire". In: BANGE, P. (org.) *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Actes du Coloque tenu à L'Université Lyon 2, 13 a 15 dez. 1985, Berna.
- KOCH, I.G.V. et alii (1994). "Proposta teórica do grupo de organização textual-interativa do PGPF", mimeo.
- MARCUSCHI, L.A. (1986). *Análise da conversação*. S.P., Ática.
- MARCUSCHI, L.A. (1993). *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. UFPE, Recife, (a publicar).
- NASCIMENTO, M. (1993). "Proposta teórica para o PGPF". mimeo.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.E. e JEFFERSON, G. (1974). "A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation". *Language*, 50: 696-735.
- SCHEGLOFF, E.E.; JEFFERSON, G. e SACKS, H. (1977). "The preference for self-correction in the organization of repair in conversation". *Language*, 53: 361-382.